CARACTERIZAÇÃO DE CRIOULOS

O CASO GALEGO UM MODELO DE CRIOULIZAÇÃO?

Comunicação de Alexandre Banhos para o

VII Colóquio Internacional da Lusofonia

Bragança 2,3,4,5 de outubro de 2008

ÍNDICE

1- Como nascem os crioulos

2- Os crioulos não são o resultado da imposição linguística, mas da sua falta

3- Os crioulos como língua

4- Que se passa quando o crioulo fica sob uma língua nacional distinta daquela a que fazia referência

5- Podem os crioulos converter-se em língua de seu, em língua nacional

6- É o galego um crioulo?

7- Como está o português da Galiza, perspetivas de futuro

8- Na Galiza há planificação linguística? Tem um fim?

1. Como nascem os crioulos

Durante os séculos XVI a XVIII as potências coloniais europeias no novo mundo e noutros territórios que se incorporavam ao comércio colonial estabeleceram sistemas de trabalho intensivo, com muita mão-de-obra importada, e dedicadas de modo fundamental à monocultura exportadora para as metrópoles.

Essa mão-de-obra, que chegava basicamente do continente africano[1] sob um regime de escravatura, tinha na sua origem múltiplas línguas distintas entre si, ainda que a imensa maioria delas eram pertencentes à família banto, proximidade "familiar" que nada fala da sua intercompreensibilidade, e o que se dava em todo o caso era o de serem desconhecedores das línguas dos seus amos, línguas que iam ser as de comunicação vertical, a das ordens, no âmbito das fazendas.

Os novos trabalhadores não tinham condições favoráveis à aprendizagem da língua de poder no novo continente, e a proporção das pessoas que conheciam bem a língua dominante, quer dizer, as populações europeias colonizadoras, não ia nunca para além, nessa altura, dentre 10 e 20 por cento da população. Os contactos linguísticos eram muito restritos e sem grande amplitude e as línguas da mão-de-obra eram o suficientemente numerosas e distintas para dificultar a aparição dum crioulo banto ou sistema de língua franca banto entre a mão-de-obra[2].

1 Isso não foi assim em todos os casos, em muitas ilhas da Polinésia levaram-se trabalhadores chineses, japoneses, coreanos e doutras origens. Está muito bem estudado o nascimento do crioulo no arquipélago do Havai.

2 É uma situação excecional o que aconteceu em Cuba com parte da população escrava africana. Esta procedia muita do golfo da Guiné e era quase toda de fala ioruba. Nesse caso a população submetida a esse regime de trabalho não criou um crioulo mas, pelo contrário, adotou o ioruba como língua de relação entre os trabalhadores, como uma espécie de gíria gremial e secreta, pois só entre eles era falada, e como tal língua chegou até praticamente o fim do século XX.

Como dizia, a crioulização não é um fenómeno restrito e próprio das populações africanas da América, é um fenómeno universal e que se estende a todas as etnias e culturas que se achem em idêntica situação, independentemente da sua raça e origem.

Os crioulos nascem nesse ambiente em duas etapas. A dos primeiros falantes, o que em inglês se denomina pidgin, é uma etapa com grande variabilidade interna dum falante para outro e em que se integram as palavras da nova língua que mal se adquire. Nalgumas ocasiões montam-se sobre as estruturas linguísticas que os indivíduos têm das suas línguas originárias.

Os falantes de pidgin são pessoas com grandes limitações comunicativas e essa comunicação limitada é de grande pobreza. O crioulo propriamente dito, corresponde-se à segunda ou antes à terceira geração de falantes de filhos de falantes pidgin.

Como se aprendem as línguas

As pessoas aprendem as línguas na infância e aprendem a língua do meio em que nascem, e na qual os adultos se exprimem com a devida competência[3]. As crianças nesse ambiente das fazendas têm umas dificuldades incríveis para interiorizarem uma forma de língua, daí a variabilidade vocabular que se dá entre crioulos, que aliás sempre têm um muito de comum nas suas estruturas similares e simples. O elemento de construção - socialização do crioulo procede da interação das crianças nas suas atividades criando uma koiné comunicativa[4].

3 A escola nacional, no sentido linguístico do termo, conseguiu sempre que as crianças corrigissem os adultos. Na Galiza isso não se dá com respeito ao português da Galiza, ao não funcionar nem a escola nem o ensino como “nacional”.

4 Nota bem distinta do processo de substituição linguística impulsionado pelos pais, em que estes aprendem devidamente a língua simples a impor e com suficiente soltura, para a ensinar desde o início às crianças em lugar da que lhes era própria por razões normalmente de prestígio ou de sucesso para ao futuro dos filhos.

As línguas crioulas têm semelhanças estruturais muito marcadas, devido à sua simplificação estrutural, que é em todas de grande igualdade, em comparação com as (des)semelhanças das demais línguas do mundo, o que faz espantosa e admirável esta qualidade crioula, e que se dá independente de qual seja a língua teito inicial..

Esta simplificação estrutural e semelhança foram apontadas por Hugo Schuchardt no século XIX.

No XX, especialmente desde os anos 60, são muitos os professores que têm dedicado os seus esforços ao estudo dos crioulos, no qual destacaram, acima de todos, os discípulos de Jakobson e Noam Chomsky, sempre admirados pelo facto de se acharem perante estruturas que pareciam corresponder a um estádio originário da língua que inicialmente não era muito doado de explicar.

Os gramáticos transformacionais vieram demonstrar que sendo como são as estruturas das línguas crioulas no mundo, mais semelhantes entre si umas às outras que as estruturas de qualquer outra língua, há que acabar afirmando que os crioulos foram os inventos dos filhos dos falantes dos pidgin, e que as semelhanças, dado o isolado dumas a respeito de outras, só se pode dever a condições criativas inatas da mente humana.

2. Os crioulos não são o resultado da imposição linguística, mas da sua falta

As potências coloniais não tinham todas o mesmo comportamento na imposição linguística a respeito das populações nativas e da mão operária fazendeira.

Povos como os ingleses ou os castelhanos fizeram grande esforço em incorporar todas estas pessoas à língua standard do dominador que logo funcionou como língua teito do crioulo e espelho em que este se olhava. Para pôr um exemplo, a fundação de centros de ensino, universidades ou o estabelecimento da imprensa, na colonização Castelhana da América, está presente quase desde o primeiro momento[5]. Isso fez que se dessem curiosas divergências no campo dos crioulos de base portuguesa com respeito a outros crioulos, daí que para alguns dos primeiros estudiosos da crioulização o português seria o antepassado comum de todos os crioulos, pensando existirem nele umas características genéticas especiais que se supunham à nossa língua.

5 1538 Universidade de São Domingo,1551, São Marcos do Peru e a do México,1595 Filipinas, 1610 Córdova Arg.1653 Rosário Colômbia, 1728 Havana, 1808 São Salvador da Bahia, 1820 Rio de Janeiro. Com a impressão vai suceder uma cousa parecida, não se estabelece a imprensa no Brasil até tão tarde como 1808.

http://lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/cpa/spring05/missa/souza.pdf
http://pt.wikipedia.org/wiki/Imprensa_no_Brasil

Antes de 1600 há já literatura em castelhano realizada por nativos americanos da qual é um bom exemplo o Inca Garcilaso, um dos alunos da Escola de índios nobres do Peru.

Desses processos vem não pouca da lama que se dá nas relações portuguesas-brasileiras.

3. Os crioulos como língua

Nos crioulos o primeiro a estudar é se estes têm uma língua que funciona como teito dos mesmos e na qual eles se miram, e se nessa relação dialética o crioulo funciona como língua subordinada familiar, e ao darem-se o processo de escolarização e os modernos média erodem-no, iniciando-se não poucas vezes o caminho para a extensão a toda a população da língua padrão. Isto é o que se está a passar em Cabo Verde depois da independência, onde ao darem ao português a condição de língua nacional, no sentido que este termo tem depois da revolução francesa, fez retroceder o crioulo apesar da sua vitalidade, cousa que não fizera nunca o Salazarismo que nem sequer formulara a possibilidade.

Os crioulos, do ponto de vista da eficácia comunicativa e da capacidade para exprimir o mais complexo pensamento, são línguas ótimas que não têm nada a invejar a nenhuma outra língua; que os crioulos acabem convertendo-se de facto em línguas de seu independentes da língua a que fazem referência na base vocabular depende de questões alheias aos próprios falantes, como são o prestígio, o posicionamento da elites crioulas no âmbito da cultura dominante, quer dizer, na medida em que as elites fazem parte da língua teito e se sentem inseridas nela; eis o modelo do Haiti que funcionou ao contrário do citado anteriormente de cabo Verde. De facto no Haiti não ficou elite que conhecesse o francês para além dos padres, depois de 1803.

4. Que se passa quando o crioulo fica sob uma língua nacional distinta daquela a que fazia referência

O caso mais estudado atualmente dentro da nossa língua é o do crioulo chamado *papiamento* de Curação; a língua teito sob a que se encontra é o holandês.

O *papiamento* atualmente é uma língua que incorpora cada dia termos em holandês, língua na qual chegam as novas realidades do dia a dia.

O *papiamento* continua a ter vitalidade, mas não como língua universal de toda a população e sim como língua restrita a um modo de vida tradicional. Na medida em que esse modo de vida vai entrando em crise ou é destruído, o papiamento esvaece-se.

Quando sobre um crioulo se estabelece uma língua teito distinta da língua teito com a que tinha uma relação criativa, o crioulo caminha sempre para duas vias[6]:

a) O aparecimento dum movimento nacionalista ligado ao crioulo que reclama este como língua nacional, frente à língua teito do poder imposto.

b) Ou um processo diglóssico não estritamente fergusoniano[7], onde o crioulo fica reduzido ao modo de vida tradicional e na medida em que o âmbito cultural desse sistema de vida tradicional é vivo, o crioulo continua a viver, mas sempre com a espada de Dámocles da crise desse sistema de vida. Crise que não é por ser crioulo mas por não ser língua universal, ou língua teito referencial no processo de "convívio" de línguas

6 Se a língua teito é aquela com a que tem relação o crioulo, a relação que se estabelece depende muito do papel linguístico das elites e em quê língua se sintam elites e funcionem como tais.

7 Vide revista NOS, Revista da Lusofonia ano 1989 n?s. 13,14,15,16,17,18; pág 361 A.Gil Hernández e H. Rabunhal.

com separação funcional, seja do castelhano e o inglês, do lapão e finês, do osétio e russo, ou do português da Galiza e o espanhol.

5. Podem os crioulos converter-se em língua de seu, em língua nacional

Não há nada que empeça um crioulo converter-se numa língua de seu, numa língua "nacional" e com as condições que são próprias duma língua nacional. Dos crioulos mais conhecidos que têm alcançado esta situação, o mais próximo dela é o do Haiti, ainda que o auto-ódio que se têm a si próprios os mulatos dirigentes do país e a insegurança na sua condição de elite faz que o francês ainda desempenhe algum papel.

Há muitas línguas que nas suas origens eram muito próximas estruturalmente a um crioulo, ou um crioulo, por ex. a língua inglesa[8].

8 Bom, a situação originária do inglês é muito distinta, mas o confirmado hoje em dia é que naqueles tempos de escassez a separação racial dos anglo-saxões dos britões e a negação do direitos destes últimos com pidginização britânica e depois a colocação duma superstrutura francesa (normanda) faz que na elaboração inicial da língua inglesa pareçam agir fatores a ver com a negação e a construção de falantes sem um meio efetivo de conhecimento linguístico normal. Mas há que deixar claro que o inglês não tem a simplificação estrutural do crioulo.

6. É o galego um crioulo? Poderíamos falar das falas portuguesas da Galiza como uma forma de crioulo

O galego não é um crioulo, quer dizer, não tem as características de crioulo, não foi criado por falantes dum pidgin, foi o resultado da criação original dos moradores do noroeste da Península Ibérica com o fermento do latim ao longo de quatro séculos, até que este aparece como uma língua perfeitamente estruturada no século X.

Esse galego, que é o português mesmo na origem, não é uma língua de estruturas simples como as que caracterizam os crioulos e sim uma língua bem complexa. Porém, hoje em dia pode-se falar de crioulização da língua, de erosão forte e constante a respeito da língua teito dominante, o castelhano; de perda de estruturas complexas e de simplificação das mesmas, de incorporação e de naturalização maciça de termos castelhanos que são naturalizados como próprios.

7. Como está o português da Galiza, perspetivas de futuro

O português da Galiza acha-se com certa vitalidade no mundo tradicional, nos escassos restos que ainda ficam do mesmo; com grave crise no resto do espaço social, na medida em que os mundos culturais em que se desenvolvem a língua popular e a imposta por Espanha (Castela) são distintos, adquirindo, a cada passo mais, o castelhano, uma grande universalização e interiorização.

Como nos casos dos crioulos com outra língua teito distinta da língua geradora na origem do crioulo, gerou-se um elemento "nacionalista" que regionalizado no estado espanhol, apresenta o modelo de língua regional, quer dizer o diglóssico e "crioulizado", como proposta de modelo de língua nacional, ainda que seja inviável por muitas razões, e a primeira e mais importante, por que nele não se sentem refletidas nenhumas elites.

O Português da Galiza tem um desafio muito grande perante ele, reintegrar-se no espaço comum da língua, a começar pela sua imagem externa, a sua farda ortográfica, gerar um modelo urbano culto em que se possam inserir as elites regionais, vivificar-se com o português internacional que não é mais que o galego mesmo, e assim aí poderá conservar grande parte da sua fasquia original que muito pode oferecer ao português internacional e à lusofonia toda.

Se a sociedade galega não apanhar este caminho, a Galiza será em não muito tempo um território onde o espanhol *simplex* estará plenamente interiorizado, e o português da Galiza ficará sem espaços sociais que se exprimam nessa língua[9], e não passará muito além dum remorso, nem mais nem menos que o que se vive com o occitano atualmente na Provença.

9 *10 por cento do núcleo duro de Sarilhe não vai além dum desideratum e não tem base sociológica alguma que o apoie. (A Impostura e Desorientação linguística na normalização do galego).*

8. Na Galiza há planificação linguística? Tem um Fim?

Para qualquer postura e ação de sucesso a respeito do futuro do português da e na Galiza, é fundamental o que se chama Planificação Linguística (Language Planning), e nesse sentido é muito bom saber que é o que se está a fazer na Galiza, e que forças estão detrás duma opção ou de outras.

Vou responder contundentemente à questão: Na Galiza existe planificação linguística, inserida no sistema legal espanhol e adaptada a este, onde o reconhecimento de línguas distintas do castelhano está cheio de pejas, pois a única língua que tem carácter oficial no estado é o castelhano.

Na Galiza dá-se uma planificação que vem tendo lugar desde praticamente os primórdios da autonomia, planeamento que foi definido pelo sociolinguista catalão Lluis Aracil como modelo estupefaciente de substituição linguística.

A sociedade da Galiza aceita que se faz muito "sobre e *para* a língua dos galegos e galegas" entrementes se substitui sem pausa, e os pais se esforçam na boa inserção dos seus filhos e filhas no castelhano.

A cousa chegou a ser tão irreal, tão problemática, que essa substituição estupefaciente é aceite pelas forças nacionalistas galegas (regionalismo crioulíço) com mais incidência social (Bloco Nacionalista Galego), que esqueceram as palavras de Castelão *de que a Galiza é o que é, única e somente por razão da língua.*

Bibliografia

Andrade, E., D. Pereira & A. Mota. (orgs.) 2000 *Crioulos de Base Portuguesa* . Braga: APL.

António Gil- 1989: *O conceito de diglossia segundo Ch. A. Ferguson, e a sua pertinência para a Comunidade Lusófona da Galiza. Um caso de diglossia por deslocação"* (artigo elaborado juntamente com o Prof. Dr. Henrique Rabunhal), in: *Nós*, núm.13-18 (Janeiro-Dezembro), Ponte Vedra - Braga, 27 págs.

Arends, J. & al.(eds.) 1995 *Pidgins and Creoles. An Introduction* . Amsterdão: John Benjamins Publishing Company.

Baxter, A. 1996 *"Línguas Pidgin e Crioulas".In I. H. Faria & al . (orgs.). Introdução à Linguística Geral e Portuguesa . Lisboa: Ed. Caminho, pp. 535-549.*

Cooper, Robert and Fishman, Joshua. 1974. "The Study of Language Attitudes" *International Journal of the Sociology of Language.* 3: 5-19.

De Camp. David. 1971. "Toward a Generative Analysis of a Post-Creole Speech Community." *Pidginization and Creolization of Languages.* Hymes, Dell (ed.) Cambridge: Cambridge University Press.

Denison, Norman. 1977. "Language Death or Language Suicide?" *International Journal of the Sociology of Language*. 12: 13-22.

Dimmendal, Gerrit J. 1989*. "On Language Death in Eastern Europe."*

Investigating Obsolescence: Studies in Language Contraction and Death. Nancy Dorian (ed.). Cambridge: Cambridge University Press.

Degraff, M. (org.) 1999 *Language Creation and Language Change – Creolization, Diachrony and*

Dorian, Nancy. 1981. *Language Death: The Life Cycle of a Scottish Gaelic Dialect.* Philadelphia, Pennsylvania: University of Pennsylvania Press.

Ferguson,Charles.1959."Diglosia"Word is pp 325-340

Fishman, Joshua. 1964. "Language Maintenance and Shift as Fields of Inquiry" *linguistics 9:* 32-70. 1985, *The rise and Fall of Ethnic Revival: Perspectives on Language and Ethnicity,Berlin,Mouton*

Herzfeld, Anita. 2002*. Mekaytelyuw: la lengua criolla de Limón. Costa Rica: Universidad de Costa Rica*

Holm, John*, Pidgins and Creoles, Cambridge, Cambridge University Press, 1989,*

Jones-Jackson. Patricia.1987. *When Roots Die: Endangered Traditions on the Sea Islands.* Athens Georgia: University of Georgia Press.

Língua Portuguesa", coord. por M. H. Mateus e A. Villalva. Lisboa: Caminho.

Purcell, Trevor.1993. W. *Banana Fallout: Class, Color and Culture among West Indians in Costa Rica.* Los Angeles: Center for Afro-

American Studies Publications, University of California.

Romaine, Suzanne.1989*. Bilingualism.Oxford, England: Blackwell*

Romaine, Suzanne. 1988 *Pidgin and Creole Languages* . N. York: Longman.

Rougé,J.-L. 2004 *Dictionnaire étymologique des créoles portugais d'Afrique*. Paris : Eds. Karthala.

Sapir, E. (1921) *A Linguagem. Introdução ao Estudo da Fala.* RJ.: Livr. Acadêmica, 1971.

Tarallo, F. & Alkmin, T. Falares crioulos: línguas em contato. São Paulo: Ed. Ática, 1987.

Weinreich, Uriel. 1968. *Languages in Contact: Findings and Problems.* The Hague: Mouton.

2000 "Pidgins e Crioulos de Base Portuguesa". Site de *História da Língua Portuguesa* coordenado por Ivo de Castro. Instituto Camões. Edição on-line.